



# CÔ AVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº

EDIÇÃO DA

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA



ACTAS DO I CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA  
DE TRÁS-OS-MONTES, ALTO-DOURO E BEIRA BAIXA  
(ANO DE 2004)

ISBN 972-8763-15-8



9 789728 763152

PUBLICAÇÃO ANUAL A CÁRGO DO COMITÉ  
CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL  
DE VILA NOVA DE TRÁS-OS-MONTES

# CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

Nº 7 · ANO DE 2005

TRABALHO COORDENADO POR

**ANTÓNIO N. SÁ COIXÃO**

(Este número da Còavisão publica exclusivamente as Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, organizado entre 29 de Abril e 2 de Maio de 2004, áreas dos Concelhos de Meda e Vila Nova de Foz Còa)



**Foto da capa:**

Rio Douro – Lugar do Torrão

**Composição e impressão:**

Còa Gráfica – Artes Gráficas, Lda. — V. N. de Foz Còa  
Depósito legal n.º 121116/98  
ISBN 972-8763-15-8

---

EDIÇÃO DA CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÒA  
2005

# Índice

Prefácio.....	5
Introdução.....	7
“Povoações Romanas da Beira Transmontana e Alto Douro” ..... <i>Jorge de Alarcão</i>	9
“Existe uma ocupação Proto-Histórica em Trás-os-Montes antes da ocupação Romana? Alguma notas sobre esta questão” ..... <i>Dulcineia Cândida Bernardo Pinto</i>	19
“Arte Rupestre e Ocupação Humana no Vale do Côa – balanço da investigação no Parque Arqueológico do Vale do Côa” ..... <i>Luís Luís</i>	31
“Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa): Balanço de seis anos de trabalho neste recinto monumental pré-histórico” ..... <i>Vitor Oliveira Jorge...e outros</i>	61
O sítio de Castelo Velho de Freixo de Numão (Vila Nova de Foz Côa) – reflexões sobre fases e contextos” ..... <i>Susana Oliveira Jorge... e outros</i>	69
“Tipologias de aparelho construtivo do Sabugal Velho” ..... <i>Marcos Osório</i>	81
“O troço desactivado da linha do Douro (Pocinho – La Fuente de San Esteban): um caso de Património Arqueológico Ferroviário a defender” ..... <i>Carlos Abreu</i>	101
“O Esteio gravado do Cabeço do Bique (Perafite, Vila Verde, Alijó)” ..... <i>Francisco Monteiro Faure e Eliana Miranda de Sousa</i>	133
“O Pentagrama de Ribeira de Piscos (Vila Nova de Foz Côa) e seus paralelos no contexto da arte rupestre filiforme pós-paleolítica da Península Ibérica” ..... <i>Fernando Augusto Coimbra</i>	145
“Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa – Primeiros resultados da estação sismológica e da estação meteorológica em funcionamento no PAVC” ..... <i>António Pedro Batarda Fernandes</i>	159
“Antiquários e Arqueólogos” ..... <i>António Alberto Rodrigues Trábulo</i>	167
“A Pré-História Recente no Douro Sul. Um ensaio de Arqueologia Espacial” ..... <i>António José Fernandes Heitor e Carla Isabel Dias Franco</i>	173
“A estátua-menir de Longroiva e a sua importância para a cronologia da Idade do Bronze na região do Côa e territórios confinantes ..... <i>Adriano Vasco Rodrigues</i>	179
“As fíbulas do Bronze Final e Idade do Ferro de Portugal Interior (Norte e Centro): problemática sobre produção local e de longa distância” ..... <i>Salette da Ponte</i>	185
“Pré-História Recente na região da Guarda – alguns subsídios” ..... <i>Manuel Sabino G. Perestrelo e Marcos Osório</i>	207

"Canedotes (Vila Nova de Paiva – Viseu): uma aproximação à ocupação do povoado" .....	233
<i>Alexandre Canha</i>	
"O Castelo de Torre de Moncorvo: resultados da intervenção de 2001" .....	251
<i>António Chéney e Pedro Sobral de Carvalho</i>	
"A Numária de Ervamoira e a do Baixo Côa" .....	275
<i>J. A. Gonçalves Guimarães e Susana Guimarães</i>	

# O Castelo de Torre de Moncorvo: resultados da intervenção de 2001

---

ANTÓNIO CHÉNEY, PEDRO SOBRAL DE CARVALHO

---

## 1. INTRODUÇÃO

O estudo que se dá à estampa é o resultado dos trabalhos arqueológicos realizados no âmbito da requalificação integrada do Centro Histórico de Torre de Moncorvo, que tiveram como objectivo a identificação, estudo, salvaguarda e valorização dos vestígios arqueológicos no espaço anexo aos edifícios da Câmara Municipal, dos CTT e da Capela do Sagrado Coração de Jesus, na vila de Torre de Moncorvo.

A entidade proponente deste estudo foi a Câmara Municipal de Torre de Moncorvo.

Os trabalhos arqueológicos em epígrafe foram executados pela empresa ArqueoHoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda.<sup>1</sup>

A direcção dos trabalhos arqueológicos ficou a cargo de António Manuel Almeida Gonçalves Chéney (director), licenciado em História, variante de Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e de Pedro Manuel Sobral de Carvalho (co-director), licenciado em História, variante de Arqueologia, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Fizeram parte da equipa de trabalho de campo João Miguel André Monteiro Perpétuo (escavação e desenho de campo), Filipe João Carvalho dos Santos (escavação, desenho de campo, trabalho de gabinete), Alexandre Valinho (escavação), Carlos Manuel Santos Rocha (escavação), Joaquim António Moura (desenho de campo e tintagem) e uma vasta equipa de trabalhadores indiferenciados.

A metodologia aplicada no registo arqueológico de campo foi a denominada "Matriz de Harris" (HARRIS, 1991).

Foi criada uma base de dados em File Maker dos registos dos dados estratigráficos.

A presente intervenção, e com base quer no Caderno de Encargos, quer na estratégia de implantação proposta pela ArqueoHoje, pressupunha a abertura de 5 sondagens totalizando uma área total de 678 metros quadrados. Contudo, a totalidade da área intervencionada - 872m<sup>2</sup> - excede em 194m<sup>2</sup> a área prevista pelo Caderno de Encargos e distribuem-se do seguinte modo:

sondagem 1: 200 m<sup>2</sup>;  
sondagem 2: 84 m<sup>2</sup>;  
sondagem 3: 108 m<sup>2</sup>;  
sondagem 4: 368 m<sup>2</sup>;  
área A: 112 m<sup>2</sup>;<sup>2</sup>

## 2. DESCRIÇÃO DOS VESTÍGIOS RESULTANTES DOS TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS

### 2.1. Sondagem 1

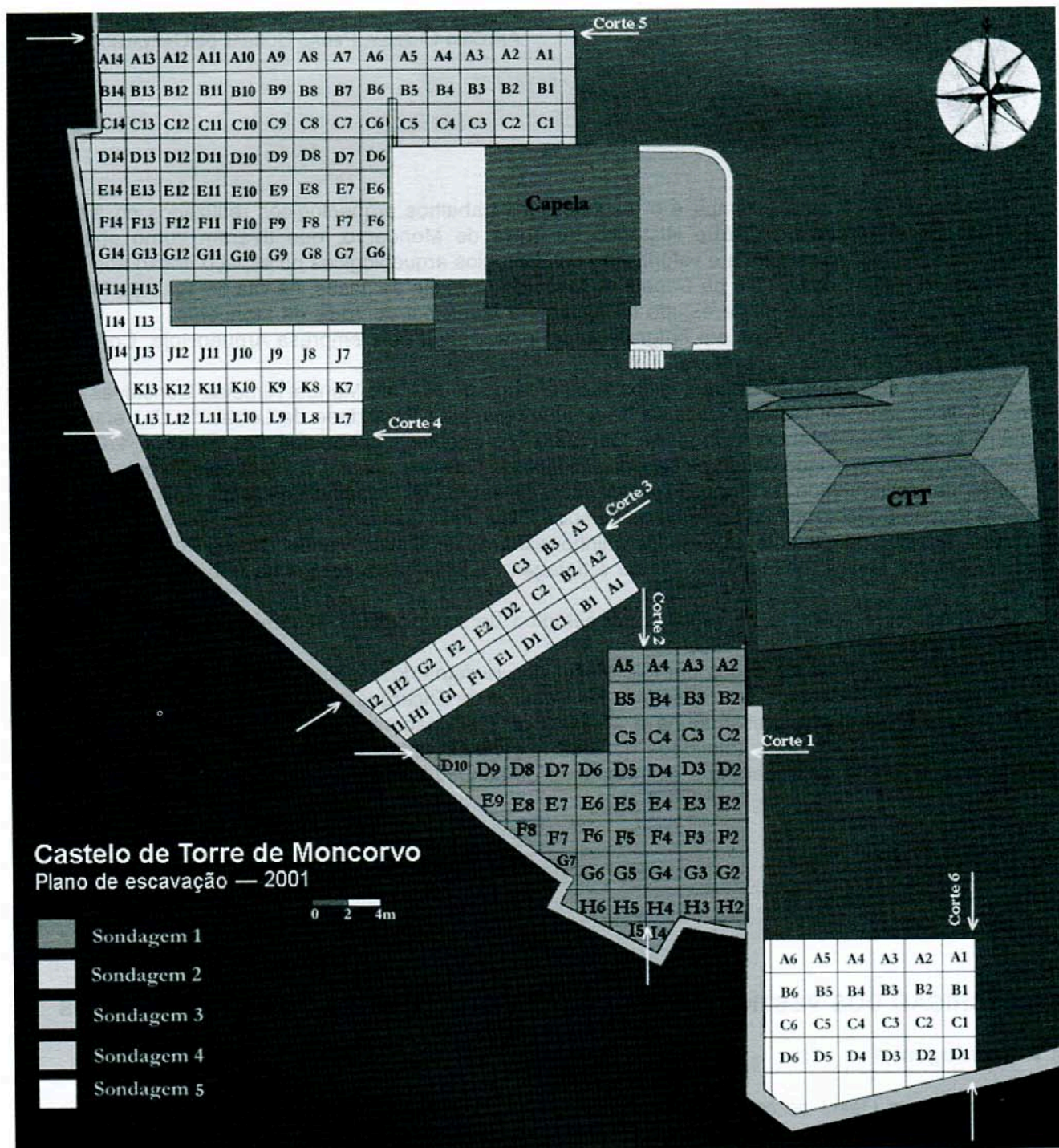
Implantada a Oeste do castelo, esta sondagem, projectada para definir e estudar com pormenor a torre rectangular, até então considerada obra do reinado de D.Dinis - U.E. [141] - permitiu a obtenção de importantes dados para a compreensão da evolução das estruturas defensivas de Torre de Moncorvo.

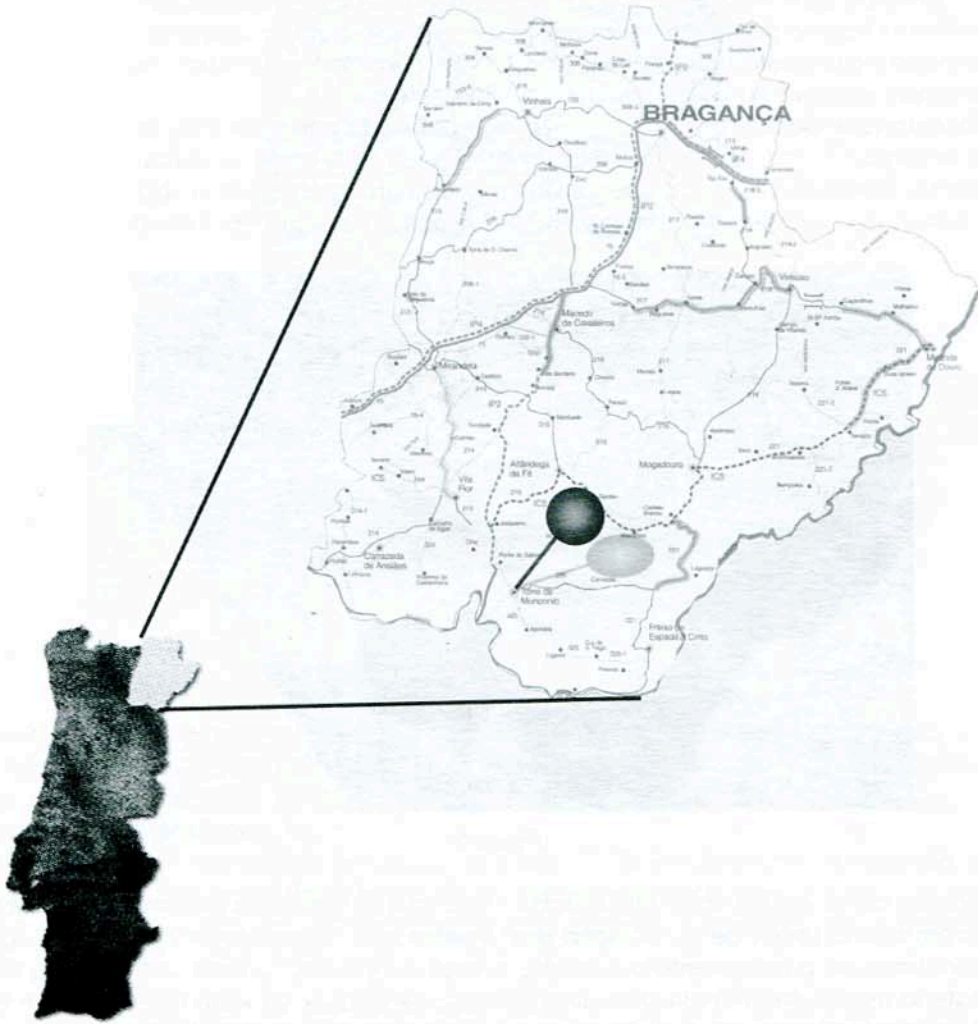
A primeira fase dos trabalhos consistiu na remoção de um talude de terras depositadas em época recente - U.E.s [105] e [107] - tendo fornecido materiais arqueológicos dos finais séc.XIX e séc.XX. Esta

---

<sup>1</sup> Com sede social no Parque Industrial de Coimbrões, Edifício Expobeiras, Área BIC, 3500-618, Viseu.

<sup>2</sup> Por uma questão de uniformização terminológica optámos por denominar a "área A" de "sondagem 5".





Localização de Torre de Moncorvo no mapa de Portugal

unidade estratigráfica cobria parcialmente a face externa da muralha do castelo. Os trabalhos permitiram ainda colocar a descoberto duas troneiras cruzetadas e um conjunto de silhares com marcas de canteiro (fig. 1).



Figura 1

Avançando em profundidade, surgiu um muro fruste não argamassado - U.E. [115] - composto por lajes de xisto e silhares com marcas de canteiro reaproveitadas da muralha do castelo. Este assentava directamente sobre o adarve da cerca de granito a Sul e sobre terra e cascalho na restante área (fig. 1).

A data de construção deste muro deve situar-se, provavelmente, no início do séc. XIX, aquando das primeiras referências textuais do desmantelamento do castelo.

Uma outra estrutura identificada foi um troço do adarve da cerca da vila, construída em silhares de granito, com uma largura média de 2.20 m, - U.E. [142] (fig. 2). Este troço da cerca da vila, com uma largura máxima de 2.60 m, prolonga-se para o interior do castelo, correspondendo à U.E. [514] da sondagem 5, anteriormente detectado durante os trabalhos arqueológicos realizados em 1988/1989 (REBANDA, 1988).



Figura 2

Integrada nesta cerca está a torre rectangular - U.E. [141]. Um facto interessante foi a possibilidade de se identificarem várias fases de construção das ameias que faziam parte deste torre. Uma primeira, em granito, encontrava-se parcialmente destruída, e está subjacente a uma outra, desta feita em xisto, por sua vez posteriormente preenchida com uma camada de pedras de xisto que nivelou o topo da torre. Foram igualmente observados vestígios de ameias no troço em granito da cerca da vila (fig. 3).



Figura 3

Com a mesma orientação e disposta paralelamente ao troço da cerca da vila em granito, identificou-se a cerca mandada edificar por D. Dinis entre 1285 e 1295 (fig. 4). Trata-se de uma estrutura em alvenaria de xisto com 2,40 m de largura máxima e uma altura conservada de 1 m - U.E. [146] - estruturalmente semelhante à identificada em Santa Cruz de Vilaríça. De planta oval, cercaria a vila medieval abarcando uma área de cerca de 2,5 ha.



Figura 4

Adossado a esta cerca primitiva encontra-se um enorme e robusto torreão semicircular e semidestruído com 8 m de diâmetro e uma altura conservada de 2 m - U.E. [144]. Esta estrutura foi edificada através da colocação de fiadas horizontais de lajes de xisto, algumas de grandes dimensões, sumariamente consolidadas com terras argilosas (fig. 5).

Este torreão será contemporâneo de outros dois que ainda ladeiam uma entrada da vila a Nascente (junto à capela da N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> dos Remédios). Os paralelos geograficamente mais próximos são os do povoado de Santa Cruz de Vilariça onde foram identificados dois torreões semicirculares a guarnecer a entrada (RODRIGUES, REBANDA, 1988: 101).



Figura 5

O espaço a Oeste do torreão compreendido entre o troço da cerca em granito e a cerca em xisto dionisina foi propositadamente preenchido com camadas de terra e muita pedra - U.E.s [134 e 135]. Estas serviram para nivelar toda esta área, tornando-a mais ampla, facto ocorrido em meados do séc. XIV, no momento da construção do troço da cerca em granito, identificado como posterior reforço da cerca dionisina.

Ainda nesta sondagem foram postas a descoberto outras estruturas pétreas que reflectem diversas fases de ocupação deste espaço na Idade Média.

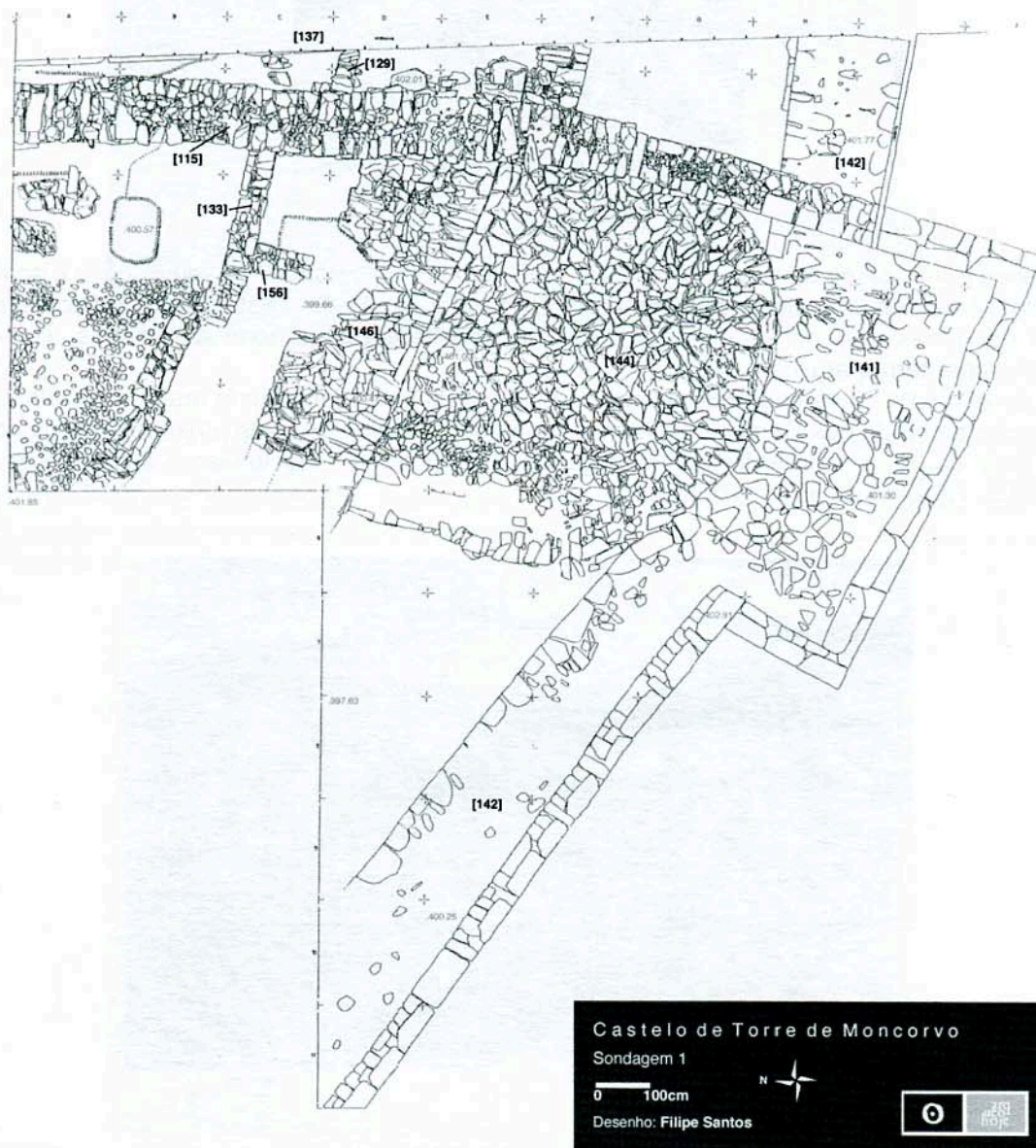
A uma cota inferior encontrava-se o vestígio de um muro, também em xisto - U.E. [133] - com orientação Oeste/Este, associado a um nível de terras esverdeadas -U.E. [130] - onde foram identificadas

cerâmicas cronologicamente integráveis no séc.XIII. Tratam-se sumariamente de recipientes maioritariamente de pastas escuras, de cinzento ao negro, alguns decorados com aplicações plásticas digitadas ou puncionadas.

Subjacente à U.E. [130], encontrava-se o vestígio de um muro em xisto - U.E. [156] - orientado sensivelmente a Norte, que estaria primitivamente adossado à muralha com uma cronologia igualmente alto-medieval.

Destaque para os níveis medievais - U.E.s [130], [131], [133] e [160] - com cerâmicas de pastas pouco depuradas, de coloração alaranjada ou negra, algumas de fabrico manual. A quantidade de fragmentos decorados é substancialmente menor, compreendendo sobretudo os cordões digitados, mas também linhas incisas formando ondulosos verticais ou horizontais entre outros.

No reduzido espaço entre a muralha do castelo - U.E. [137] e a U.E. [115] - foi identificado um pequeno muro em xisto orientado a Este - U.E. [129]. Os materiais arqueológicos exumados (cerâmicas e moedas) parecem apontar para um período ocupacional desde os finais do séc. XIII.



## 2.2. Sondagem 2

A implantação desta sondagem tinha como objectivo a identificação de possíveis estruturas no interior do perímetro urbano medieval, bem como a definição do perímetro da cerca medieval.

A orientação desta vala de sondagem obedeceu criteriosamente às prerrogativas do Caderno de Encargos.

No extremo Sudoeste da sondagem foi identificado o prolongamento do adarve, com 2.m de largura neste local, integrado no troço da cerca da vila em granito com uma largura máxima de 2.60 m (fig. 6).

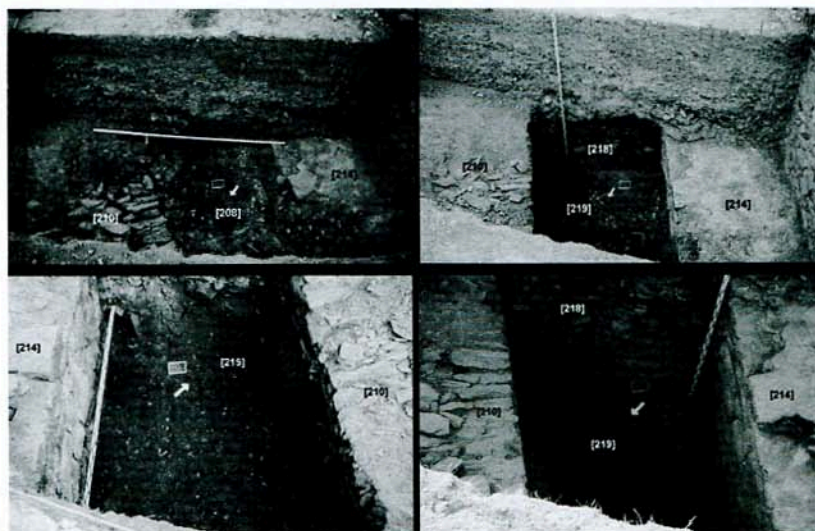


Figura 6

Foi igualmente confirmada a passagem nesta área da cerca dionisina, também com uma largura máxima de 2.40 m e uma altura conservada de 1 m - U.E. [210]. Esta começa a flectir ligeiramente para Norte, continuando a acompanhar o trajecto do troço da cerca em granito neste sector (fig. 6).

Encostada à face interna da cerca dionisina identificou-se uma conduta de escoamento de águas, (fig. 7), composta por lajes de xisto - U.E. [222]. A sua cronologia será a mesma da cerca dionisina - U.E. [210].



Figura 7

No extremo Nordeste da sondagem 2 foi identificado um poço - U.E. [206] - que revelou duas fases distintas de construção e utilização (fig. 8).

Efectivamente, num primeiro momento, talvez nos finais do séc.XIII, foi aberto no substracto de base uma cisterna de planta quadrangular com um diâmetro de 1.40 m - U.E. [227].

Entretanto, num segundo momento, num processo contínuo, foi alteada com uma parede em alvenaria de xisto, desta feita de planta circular - U.E. [206] - dando-lhe a aparência típica de um poço. No seu interior foi encontrado numeroso espólio arqueológico de época moderna que datará o seu abandono.

Tendo em consideração questões de segurança, optou-se por parar a remoção do enchimento do poço aos 6,70 m



Figura 8

### 2.3. Sondagem 3

Perante os resultados arqueológicos obtidos nas anteriores sondagens (sondagem 1 e 2), esperava-se encontrar novamente a cerca dionisina, o que, de facto, se veio a confirmar. Porém, as expectativas foram superadas com o surgimento de mais um torreão semicircular, consolidando a ideia que Torre de Moncorvo, nos finais do séc. XIII, estaria rodeada por uma cerca em xisto, com vários torreões, dos quais actualmente, graças às escavações entretanto realizadas, existem quatro.

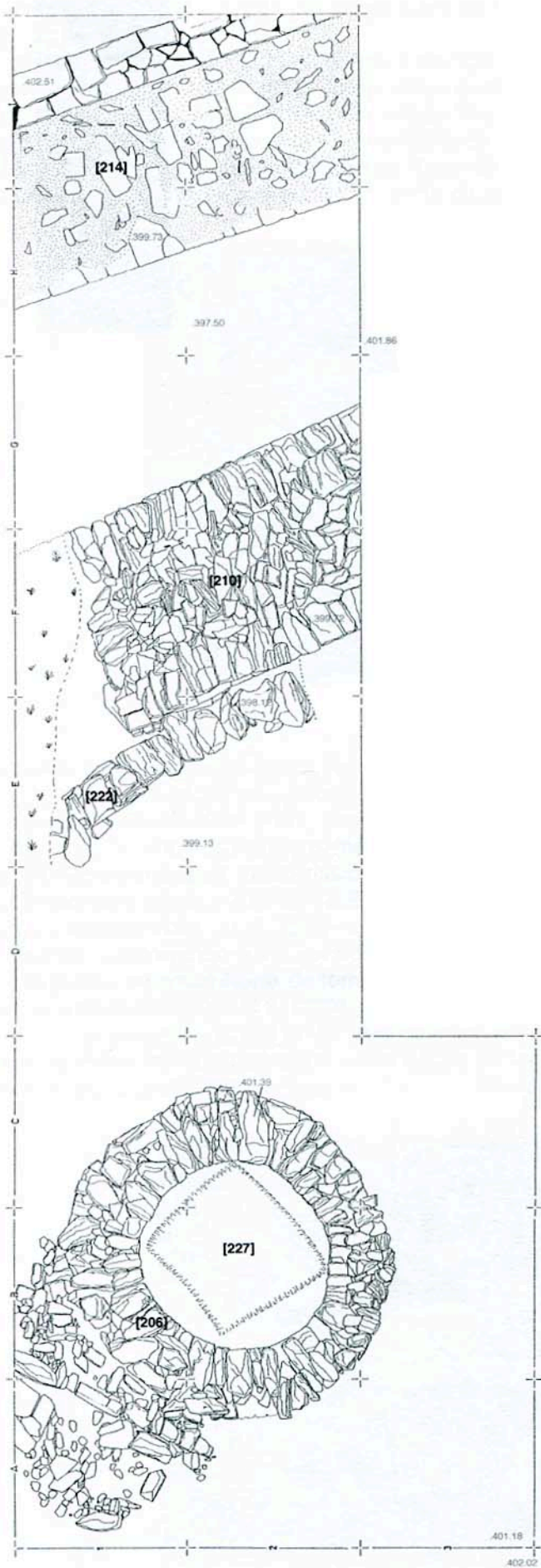
O torreão semicircular - U.E. [330] - colocado a descoberto nesta sondagem, com um diâmetro de 5.40 m e uma altura conservada de 2/3 m, é também construído em alvenaria de xisto. Encontra-se adossado à cerca dionisina, estando a metade Norte bem conservada, enquanto a metade Sul se encontra destruída (fig. 9), devido à condenação do espaço existente entre o torreão e o adarve - U.E. [353].



Figura 9

A cerca dionisina - U.E. [312] - ainda bem preservada, alcança uma largura máxima de 2.20 m e uma altura conservada de 2 m. A Este desta, foram detectadas três importantes estruturas, bem como uma camada que forneceu blocos de granito afeiçãoados pertencentes a um arco - U.E. [308] (fig. 10).

A estrutura identificada como U.E. [310] é um muro em xisto e granito muito bem construído, com 0.80 m de largura e 2 m de altura, estando adossado e perpendicular à cerca dionisina. Este muro flexiona para Sul, no extremo Este da sondagem (fig. 10). Tratam-se certamente de vestígios de um edifício importante, cronologicamente contemporâneo da cerca dionisina (séc. XIII). O acesso a este era feito através de uma porta exposta a Norte. Na base do alicerce deste muro, surgiu uma alavanca em ferro, interpretada como sendo um utensílio utilizado ou na construção da cerca dionisina ou na construção do referido edifício.

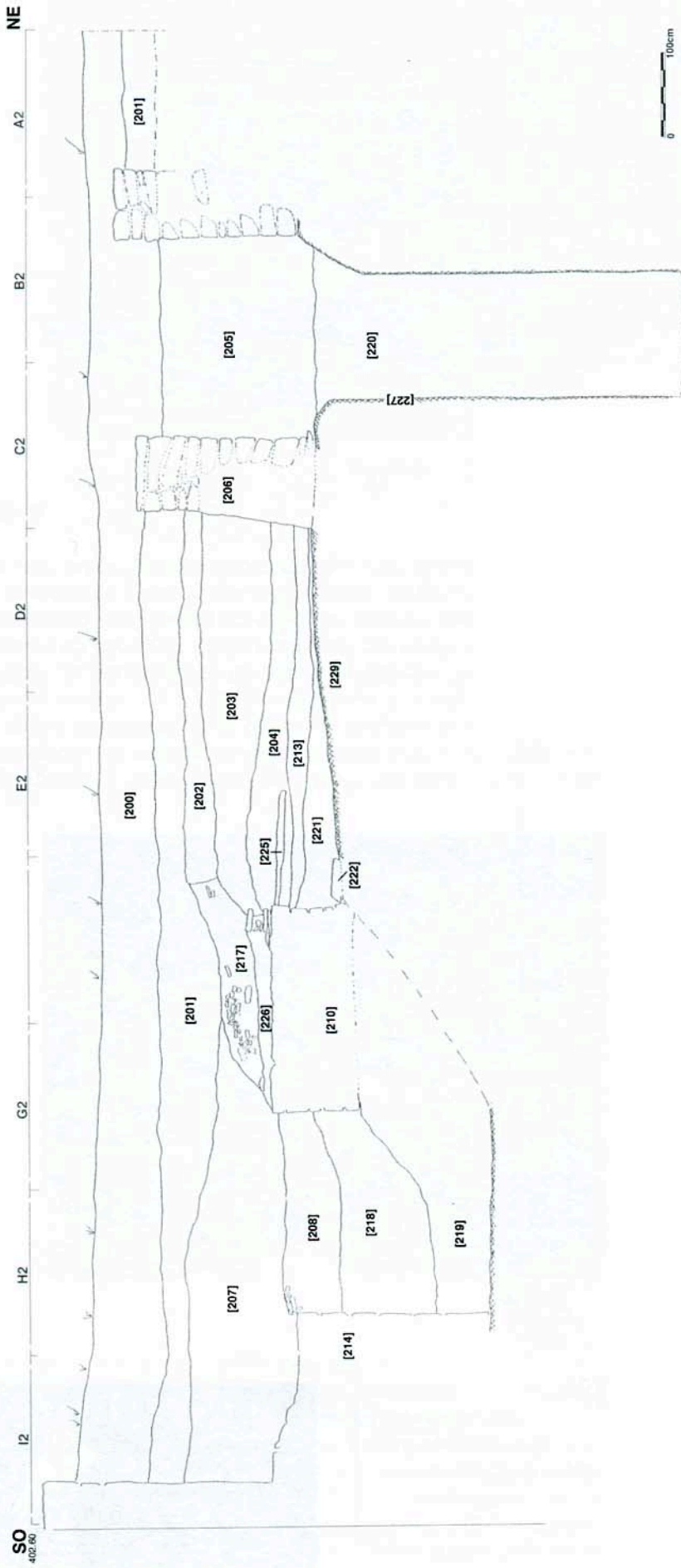


Castelo de Torre de Moncorvo  
 Sondagem 2

Desenho: Filipe Santos

0 20 100cm

BUN



Castelo de Torre de Moncorvo  
Sondagem 2  
Corte estratigráfico SO-NE, parede Oeste  
Desenho: Filipe Santos



O muro em xisto - U.E. [323] - no extremo Sul da sondagem, é interpretado como uma parede interior deste grande edifício.

A um nível inferior da U.E. [310] surgiu o vestígio de um outro muro, com um 1 m de largura e uma altura máxima de 0.20 m - U.E. [317]. Encontra-se muito destruído, assentando directamente no substrato de base (fig. 10). sendo datável do início do século XIII, anterior à construção da cerca dionisina, do torreão e das U.E.s [310 e 312]. Isto levanta a possibilidade de, talvez nos inícios do séc. XIII, terem existido edificações neste local, no momento em que Torre de Moncorvo era ainda um pequeno povoado, então situado onde está actualmente o cemitério, perto da antiga igreja de Santiago.

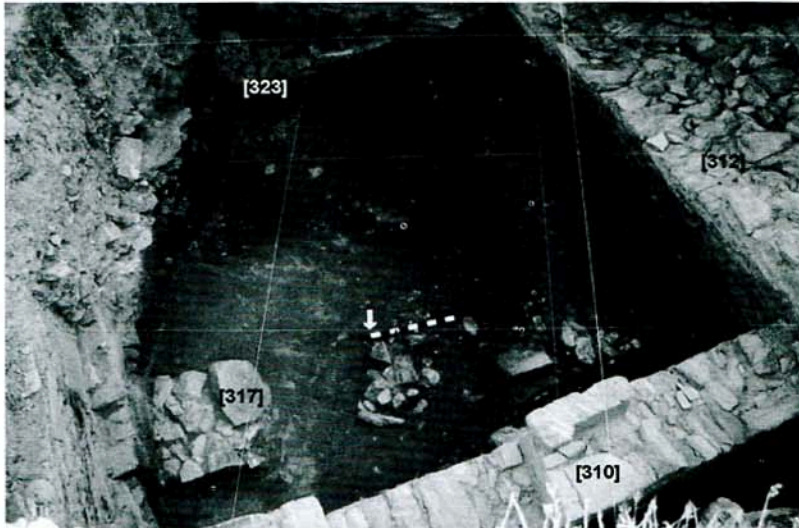


Figura 10

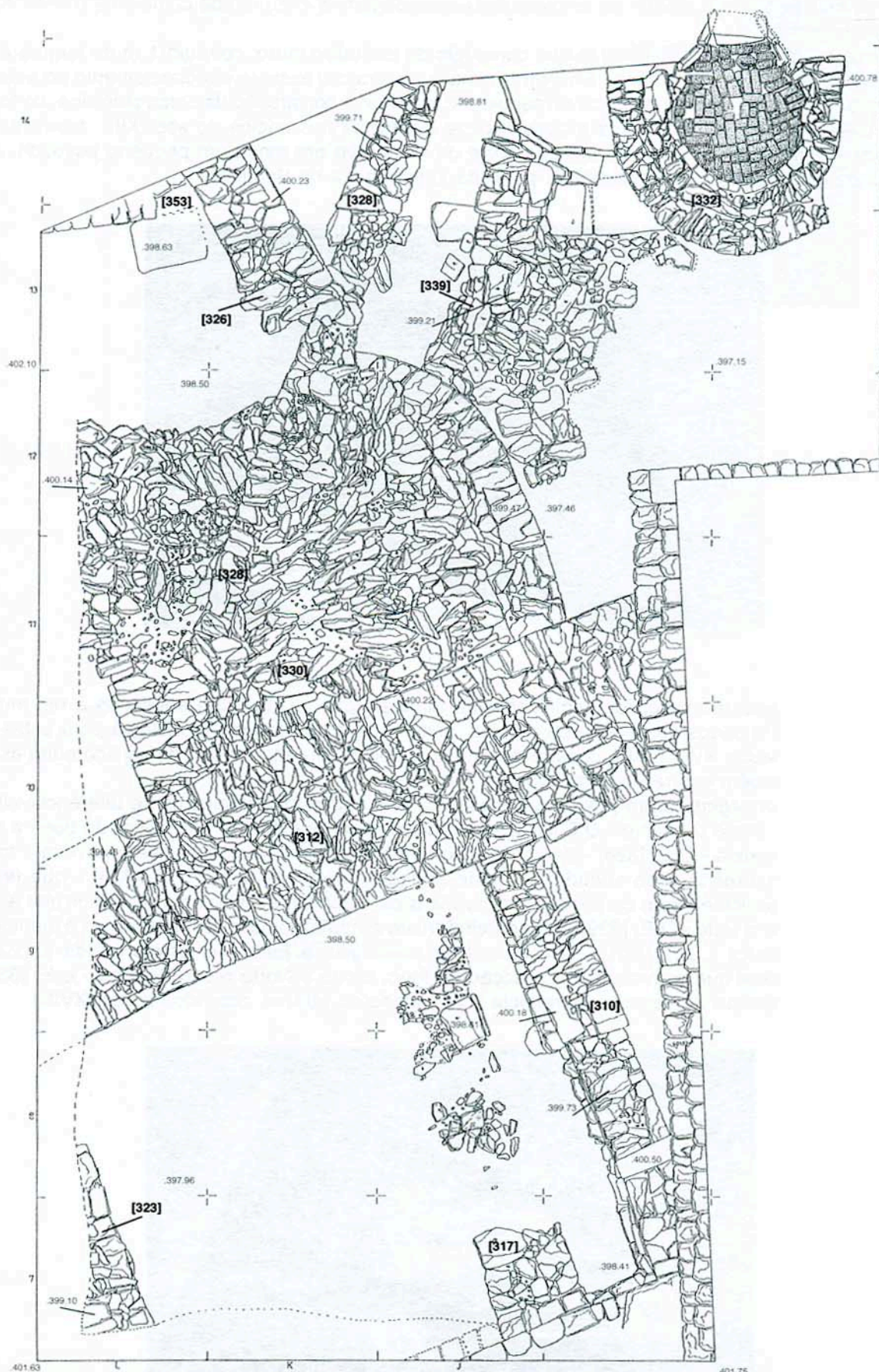
A Oeste da cerca em xisto, foi identificado um forno de pão - U.E. [332] adossado a um muro de xisto - U.E. [335]. Os dados arqueológicos obtidos, levam-nos a propor uma cronologia para estas duas estruturas entre o século XVIII e XIX, construídas muito depois do preenchimento do espaço entre as duas cercas que aqui também ocorreu nos meados do séc. XIV.

Ainda nesta sondagem foram postos a descoberto três muros cronologicamente diferenciáveis (fig. 11), genericamente sobre o adarve - U.E.[353] - este dificilmente perceptível, por servir de base a essas estruturas: muro em xisto - U.E. [328] - de construção relativamente rudimentar e que aproveita o torreão como alicerce, percorrendo-o no sentido Noroeste/Sudeste; muro em xisto -U.E. [326] - que levou à destruição parcial do limite Norte do torreão, por forma a perfazer um alinhamento perpendicular à cerca em xisto; e o muro em xisto - U.E. [339] - de aparelho fruste e não argamassado. Este muro é identificável entre a parede exterior - U.E. [351] - que delimita a sondagem a Este e o torreão, onde encosta. É construído com pedras que estiveram sob a acção do fogo, tendo a Norte o seu derrube - U.E. [333].

A construção destas três estruturas reflecte o abandono do adarve, ocorrido no séc. XVIII.



Figura 11



Castelo de Torre de Moncorvo  
 Sondagem 3  
 Desenho: Filipe Santos

0 100cm






## 2.4. Sondagem 4

Os trabalhos efectuados nesta sondagem permitiram colocar a descoberto as estruturas arqueológicas relacionadas principalmente com o solar da família Carneiro de Vasconcelos, datável do séc. XVIII, que se estende igualmente para uma área anexa a esta sondagem, actualmente sob um parque de estacionamento.

No entanto, para a compreensão da complexidade estrutural do solar setecentista remetemos a análise para o relatório das escavações arqueológicas efectuadas, incidindo somente o nosso estudo para as estruturas medievais que possibilitam um melhor entendimento do sistema defensivo de Torre de Moncorvo.

Deste modo, temos as estruturas - U.E.s [424 e 440] - que correspondem a dois muros de maior espessura, um pouco irregulares, em relação aos restantes do solar. Estes são em xisto, não argamassados, tendo a particularidade de serem erguidos sobre a cerca dionisina - U.E. [446]. A face externa destes dois muros são contínuos com a cerca dionisina, nesta área com uma largura de 2.20 m e uma altura conservada de 2 m, o que nos permite afirmar que esta seria a largura média desta estrutura defensiva.

Estas U.E.s [424 e 440] funcionariam como dois socalcos anexos ao solar. Ainda relacionada com edificações mais antigas, temos a calçada em xisto e em quartzo - U.E. [438] - datável do séc. XVI/XVII.

Concluindo, as estruturas inequivocamente medievais são a cerca dionisina - U.E. [446] - com uma orientação Norte/Sul (fig. 12) e a conduta subjacente a esta - U.E. [447]. A cerca dionisina, surgindo já na sondagem 1, na sondagem 2 e na sondagem 3, demonstra uma continuidade, pressupondo de facto, que a vila de Torre de Moncorvo estaria inicialmente defendida, no século XIII, por uma cerca em xisto com torreões adossados, em todo o seu perímetro, que corresponderia à sua implantação num esporão. A conduta em xisto, a uma cota bastante baixa estará certamente correlacionável com a cerca dionisina, sendo datável do século XIII.



Figura 12

## 2.5 Sondagem 5

Dadas as características do espaço intervencionado, poucas foram as estruturas postas a descoberto nesta sondagem. De facto, estamos em presença de uma área do castelo que permitiria a passagem para a “porta da traição”. Este dado era já presumível, pois a planta do castelo elaborada nos inícios do séc. XIX (1815?) possibilitava uma leitura de todo este espaço, sendo visível que as estruturas habitacionais estariam situadas mais a Norte, como se veio em parte a comprovar nas escavações efectuadas em 1988/89. Nestas estruturas habitacionais, incluímos também as torres, quer a de Menagem, quer uma outra que seria evidentemente mais baixa e que começaram a ter também esta função num momento já muito próximo do início do séc. XV (MONTEIRO, 1999: 58).

Este sector não foi considerado, logo de início, como uma área com um enorme potencial arqueológico pelas razões acima mencionadas e também do ponto de vista estratigráfico, já que toda esta área havia sofrido um entulhamento maciço no séc. XIX com o intuito de criar uma plataforma elevada na qual se edificou o edifício camarário.



Os trabalhos efectuados possibilitaram colocar a descoberto diversas estruturas referidas na documentação escrita e outras inéditas:

O troço da cerca da vila edificada em silhares de granito - U.E. [514] com as mesmas características construtivas da U.E. [142] e da U.E. [214], corresponde à mesma estrutura. Segundo o desenho de Miguel José Castelinho datado de 1815 das “casas e torres situadas dentro do castelo”, teria existido uma fiada de cinco janelas e uma porta no eixo central, pressupondo, que no interior do castelo este troço terá sido alteado e adaptado às funções habitacionais. A sua destruição parcial terá ocorrido entre 1842, ano em que se projecta a sua demolição, até 1867, ano em que se dá por concluída a edificação dos novos paços do concelho (ABREU, 2000: 76). Este facto terá provocado em 1878 a indignação de Alexandre Herculano. Este troço da cerca é constituído por blocos regulares bem afeiçoados, não tendo sido registado qualquer sigla de canteiro nos silhares. Apresenta uma largura média de 2,80 m e conserva ainda uma altura de 3m (fig. 13).

Ainda referente a estruturas conhecidas, foi identificada a muralha do castelo gótico dos finais do séc. XIV, com uma largura média de 2.10 m, máxima de 2.60 m e uma altura de 5 m - U.E. [510, 551, 547 e 548]. Construída com blocos graníticos essencialmente rectangulares forma um aparelho isódomo. A Norte encosta e sobrepõe-se nitidamente ao troço da cerca da vila construída com silhares de granito - U.E. [514] - (fig. 13). A face interna foi parcialmente desmantelada no séc. XIX, deixando visível o seu miolo - U.E. [510 e 548] - constituído por pedras de pequeno e médio porte em granito e xisto, compactadas com argamassa e dispostas sucessivamente de uma forma linear (fig. 13).

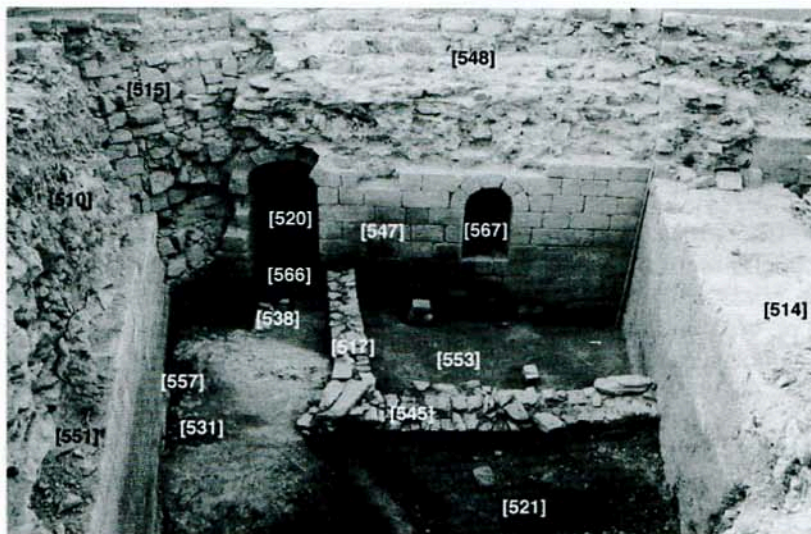
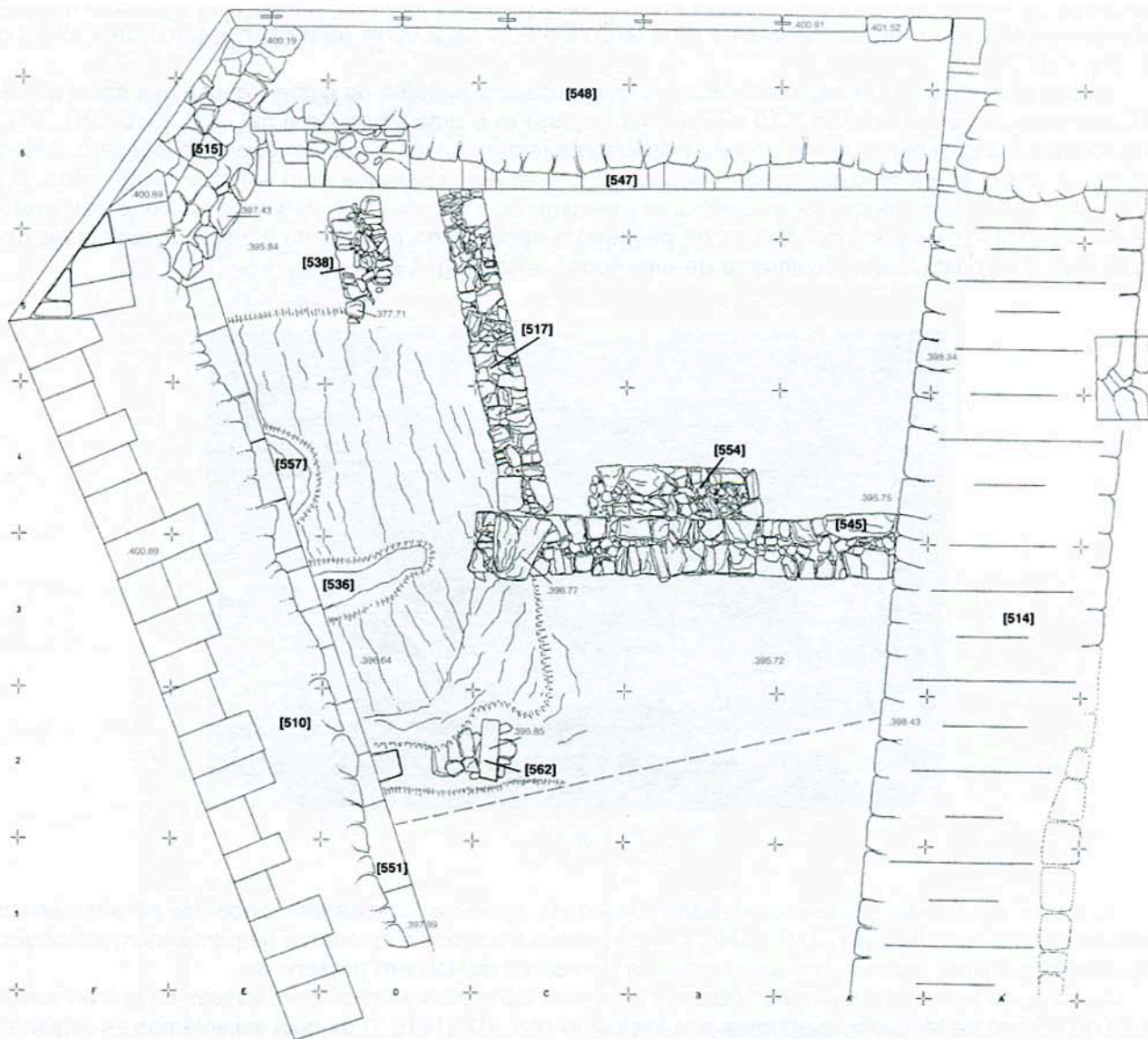


Figura 13

A “porta da traição”, situada no pano Oeste da muralha do castelo, encontra-se actualmente emparedada por lajes de xisto - U.E. [520]. O arco interno é abatido e apresenta-se parcialmente destruído, enquanto que o arco externo, em meia-volta, se apresenta muito bem preservado.

Ainda nesta sondagem foram identificadas uma série de estruturas não referenciadas na já mencionada planta do castelo de Moncorvo elaborada nos inícios do séc. XIX (1815 ?) da qual salientamos as seguintes:

O “nicho”, assim por nós mencionado, apresenta as mesmas características arquitectónicas da porta da traição. De menores dimensões, está a uma cota ligeiramente superior, possuindo um arco de volta perfeita ou semicircular. Detém 1.68 m de altura, uma largura de 1 m, uma profundidade de 1.68 m e está integrado no interior do pano Oeste da muralha. Outro aspecto que importa realçar é o facto de o seu término ser constituído por blocos de granito - U.E. [550] - em tudo semelhantes aos da muralha. Isto pressupõe que a construção deste espaço foi contemporâneo da edificação do castelo, isto é, em finais do séc. XIV, não parecendo ter havido qualquer tipo de condenação de um espaço com abertura para o exterior. Na verdade, não se vislumbra qualquer indicio, na face externa do pano Oeste da muralha, de um limite que perturba a monotonia regular do aparelho isódomo. O aspecto actual não seria muito diferente do inicial, contudo, a sua funcionalidade é desconhecida. Por outro lado, verifica-se ainda a existência de um orifício sub-quadrangular sensivelmente a meia altura do seu término. Com uma função indeterminada, pela falta de paralelos, a sua existência, a poucos metros da “porta da traição”, fragilizaria a estrutura defensiva, pois alcança uma profundidade de 1.68 m, num pano de muralha com uma espessura de 2.10 m. Este “nicho” deveria possuir uma função importante, na medida em que se optou pela sua construção em detrimento da segurança e da eficácia defensiva (fig. 13).



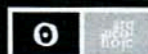
Castelo de Torre de Moncorvo

Sondagem 1

Desenho: Filipe Santos



0 200cm



Com uma orientação N/S, existe um muro não argamassado, em xisto e alguns blocos de granito - U.E. [545] - presumivelmente construído no séc. XIV. Assenta num piso de circulação argamassado - U.E. [553] - que data igualmente desse período. Primitivamente, o muro poderia ter-se prolongado um pouco mais. Disposto paralelamente ao pano Oeste da muralha do castelo, criava um espaço com funcionalidade indeterminada (fig. 13). Este terá sido parcialmente desmontado na área defronte da “porta da traição”, tendo sido substituído por um muro perpendicular, rudimentar, sem argamassa, constituído por xistos e um bloco de granito - U.E. [517] - notoriamente mais recente. Assentando na U.E. [534], terá sido edificado no séc. XV/XVI. Estando encostado ao pano Oeste da muralha do castelo, forma por conseguinte, um compartimento fechado. Associado a estes dois muros, foi colocado a descoberto uma pequena estrutura de planta rectangular - U.E. [554] - adossada à U.E. [545]. Sendo interpretada como um degrau, pressupõe uma passagem neste compartimento (fig. 13).

As unidades estratigráficas que preenchiam este compartimento eram maioritariamente enchimentos do séc. XVII e XVIII, constituindo a U.E. [525] um provável piso de circulação do séc. XV-XVI. Sob esta, surge a U.E. [534], que forneceu materiais ceramológicos com uma cronologia ampla, sendo as mais antigas datáveis do séc. XIV. A U.E. [540] é um enchimento que cobre o piso argamassado do séc. XIV - U.E.[553]. Os materiais arqueológicos recolhidos nesta unidade estratigráfica apontam para uma cronologia em torno do séc. XIV.

Um piso argamassado de cor amarelo esbatido do séc. XIV – U.E. [553] corresponde ao piso de circulação do castelo que se estenderia primitivamente por todo o espaço intervencionado.

Um alicerce de muro em xisto, com uma largura de 0.70 m e uma altura de 0.10 m - U.E. [538] - localizado defronte da “porta da traição”, no sentido Oeste/Este (fig. 13). Os achados materiais, sobretudo cerâmicos, exumados neste contexto, bem como o facto deste muro se encontrar a uma cota inferior à soleira da porta da traição, faz-nos colocar o séc. XIII como a data provável da sua construção, indiciando a existência de construções, como a U.E.[536] e a U.E. [562], prévias à edificação do castelo.

Uma fossa de implantação de um muro aberta no substracto rochoso no sentido Sul/Norte - U.E. [536] - junto ao pano Sul da muralha do castelo. O espólio ceramológico recolhido indica uma cronologia em torno do séc. XIII.

Vestígios de muro, com uma largura de 0.80 m e uma altura residual de 0.50 m, no sentido Sul/Norte - U.E. [562]. Cronologicamente corresponderia a um muro anterior à construção do castelo.

Finalmente, uma fossa aberta no substracto de base - U.E. [557] - encostada ao pano sul da muralha do castelo. Os vestígios materiais recolhidos apontam para uma cronologia em torno do séc. XIII, demonstrando mais uma vez uma ocupação humana neste espaço desde os primórdios fundacionais de Torre de Moncorvo.

### **3. EVOLUÇÃO DAS ESTRUTURAS DEFENSIVAS DO CASTELO DE TORRE DE MONCORVO NA ÉPOCA MEDIEVAL FACE AOS NOVOS RESULTADOS ARQUEOLÓGICOS**

É no decurso dos reinados de D. Afonso III e de D. Dinis que a criação de vilas de raiz culmina numa reorganização do território em Trás-os-Montes.

Na vila desenvolver-se-ão as actividades urbanas, que “será o lugar da concentração do Poder” (GOMES, 1993: 171). A cerca que a rodeia será a estrutura que a individualizará profundamente das aldeias e lugares.

O *termo* torna-se numa área subordinada à vila. Em Trás-os-Montes, região onde a senhoralização foi intensa, será necessária a criação de povoações que fixassem a população e concentrassem o poder, verificando-se *termos* com grandes extensões. As vilas localizar-se-ão principalmente junto à fronteira, indicando uma preocupação defensiva.

Do conjunto destas novas vilas e relacionadas com o estudo em causa, surgem Santa Cruz da Vilarça e Torre de Moncorvo.

Fundada no reinado de D.Sancho I, a vila de Santa Cruz da Vilarça recebe de D.Sancho II, em 1225, uma carta de foral delimitando um extenso *termo* englobando o Vale da Vilarça e incorporando Junqueira da Vilarça que perde assim a sua autonomia reconhecida anteriormente.

Porém, Santa Cruz de Vilarça perde relevância e é abandonada na transição do século XIII para o XIV. Em 1320 ainda é identificada como paróquia no Catálogo das Igrejas, mas em 1468, quando o concelho de Torre de Moncorvo pede autorização ao rei para guardar gado no interior da cerca, já esta encontrava-se há muito despovoada.

A razão, ou razões, que levaram ao despovoamento de Santa Cruz de Vilarça, ainda que mal conhecidas, prendem-se com possíveis factores de ordem natural. O povoado seria desabrigado e permaneceria isolado pelas cheias periódicas do rio Sabor e da ribeira da Vilarça.

Um outro factor, mais credível, estaria relacionado com uma mudança da política de defesa da fronteira em benefício de Torre de Moncorvo em detrimento de Santa Cruz da Vilarça (RODRIGUES, REBANDA, 1998: 101).

Parece-nos de facto verosímil que sejam antes preocupações de natureza administrativa e militares que motivam o desenvolvimento de Torre de Moncorvo situada então mais perto da fronteira.

Na verdade, somente em 1296 é que a comarca de Ribacoa é incorporada no reino de Portugal, ocasionando então o deslocamento da fronteira mais para Este, sendo a construção do castelo de Torre de Moncorvo incluída “nos preparativos da invasão do Ribacoa” (REBANDA, s.d.a: 3) ocorrida com uma campanha militar a partir de Guarda (BARROCA, 2003: 65).

Esta vila, localizada no distrito de Bragança, ocupou preferencialmente, entre os séculos XIII e XIV, um amplo esporão. Somente a progressiva expansão urbana até ao século XX, ocasionou a ocupação de áreas adjacentes, tendo-se desenvolvido sobretudo em direcção ao sopé da Serra do Reboredó.

É nas Inquirições de Afonso III (1258), que surge pela primeira vez a referência a Torre de Moncorvo, como aldeia do termo da vila de Santa Cruz, então designada por “Turre de Menendo Curvo”.

Nessas Inquirições surgem também os topónimos “Turre de Junqueira”, “Turre de Ferreira” e “Turre Medyana”, mas ao contrário de “Turre de Menendo Curvo”, não perduraram.

É provável, como aconteceu na vila de Torre de D. Chama, que “da torre que algum Men ou Mendo Corvo tinha ali, passou o nome à terra” (ALVES, 1982: 134). Sendo de facto “possível a existência aqui de alguma torre senhorial... da qual não encontramos vestígios” (REBANDA, s.d.a: 3), bem como de construções anexas.

Na sondagem 3, a U.E [317], considerada a estrutura mais antiga de toda a intervenção arqueológica, interpretada como alicerce de um muro em granito poderá, na falta de dados mais explícitos, corresponder a vestígios dessa torre senhorial ou às suas construções anexas (fig.10). Esta não deixa de ser uma afirmação ousada que somente poderá ser corroborada no momento em que se procederem a novas escavações nas áreas anexas à sondagem 3, permitindo uma melhor compreensão de todas as estruturas arqueológicas postas a descoberto nesta sondagem.

A razão pela qual esta estrutura é datada dos inícios do século XIII, prende-se sobretudo por estar destruída pela cerca dos finais do século XIII (1285-1895), e por estar situada sob um muro de uma edificação - U.E.[310] - também datável dos finais do século XIII (1285-1295).

As estruturas correspondentes às U.E.s [562, 538] e as camadas de ocupação correspondentes às U.E.s [536, 556] da sondagem 5, datáveis dos meados do século XIII, fornecem informações que pressupomos relacionarem-se igualmente com uma ocupação humana do espaço anterior à construção da cerca dionisina. Poderíamos estar perante um edifício destruído pela edificação da cerca em causa, pois é pouco provável haver qualquer habitação exteriormente adossada à cerca da vila, ainda nos finais do século XIII e inícios do século XIV. A existir o arrabalde, este surgirá somente no final do século XIV, o que não implica necessariamente ter havido habitações adossadas à cerca da vila logo nessa época.

A existência num período anterior a 1285 de algumas habitações ou outros edifícios no esporão onde se implantará, a partir de 1285, a vila de Torre de Moncorvo, período onde são conhecidos vestígios referentes a uma aldeia junto ao actual cemitério, não nos parece estranho. É plausível que além da aldeia, as áreas limítrofes fossem pontualmente ocupadas<sup>3</sup>.

Em 1285, a vila de Torre de Moncorvo recebe de D. Dinis, uma carta de foral que é a transcrição do foral concedido à vila de Santa Cruz, herdando-lhe o respectivo termo. A nova implantação da vila, situada “num amplo esporão [permite a construção da] cerca delimitando um espaço urbano de plano muito regular” (GOMES, 1993: 184). A vila de Santa Cruz, por sua vez, despovoar-se-á, sendo abandonada na transição do século XIII para o XIV. Em contrapartida, Torre de Moncorvo prosperará, pela sua posição estratégica junto à fronteira.

A vila, com uma planta bem delimitada, tinha dois eixos longitudinais e algumas travessas perpendiculares. Estaria rodeada por uma cerca em alvenaria de xisto - U.E.s [146, 210, 312, 446] - de contorno oval, com torreões semicirculares adossados, também construídos em alvenaria de xisto. Os dois torreões postos a descoberto situam-se, um a Sul da cerca - U.E.[144] - e outro a Este - U.E.[330] - estando intervalados por 28 m, medida um pouco excessiva já que a “distância média [é] de 8 a 15-20 metros” (BARROCA, 2003: 119). A técnica construtiva destas estruturas defensivas é em tudo análoga às de Santa Cruz da Vilarça.

Das possíveis portas existentes, a que subsiste é a da Senhora dos Remédios no lado nascente, ladeada ainda por dois torreões, característica estrutural difundida com o gótico (BARROCA, 2003: 111 e 117) havendo outra no lado poente designada de S. Bartolomeu. Provavelmente existiria uma porta localizada a Sul e por fim, uma outra localizada a Norte.

Esta notória evidência arqueológica de um troço inédito da cerca dionisina, com os seus dois torreões, paralelo ao visível troço da cerca em silhares de granito, obriga a uma re-interpretação do planeamento defensivo de Torre de Moncorvo na época medieval.

---

<sup>3</sup> Sobre a referência deste primitivo povoamento este situar-se-ia “na encosta onde está hoje o cemitério, tendo a igreja [de Santiago]... sido demolida no século passado para a ampliação do cemitério, mas subsistindo ainda nas imediações a Calçada e a Fonte de Santiago (GOMES, 1998: 19).

É inquestionável que a cerca da vila seja dos finais do século XIII. Um documento de 17 de Novembro de 1295 regista obras de fortificação na vila de Torre de Moncorvo (doc. in Arquivo Histórico de Moncorvo). A sua técnica construtiva é, como já foi afirmado, semelhante à cerca de Santa Cruz de Vilarça, construída nas primeiras décadas do século XIII. De acordo com Paulo Dordio Gomes a vila medieval com o seu termo construíra enquanto tal, uma cerca para sua protecção (GOMES, 1993: 171). Este terá sido o caso de Torre de Moncorvo, tornada vila e herdando o termo de Santa Cruz de Vilarça pelo foral de D. Dinis, em 1285.

Estamos, conseqüentemente, ao confrontarmos com o troço da cerca em granito, perante um reforço mais tardio da cerca da vila. Este novo lanço da cerca, - U.E.s [141, 142, 214, 353, 514] - estaria limitado somente a uma área a Sul e parcialmente a Este. Actualmente bem visível, é construído em silhares de granito um pouco irregulares e argamassa, formando um aparelho quase isódomo, contrastando nitidamente com a técnica construtiva em alvenaria de xisto. Os vestígios existentes das ameias demonstram que eram largas e baixas “o que proporcionava uma melhor protecção aos defensores” (MONTEIRO, 1999: 77). O adarve (caminho da ronda), é relativamente largo (2 m), não tendo sido encontrado, no entanto, qualquer vestígio de acesso, na área escavada (figs. 2 e 6).

A sua construção levanta um dilema. Seria a edificação da cerca em xisto interrompida, para dar imediatamente lugar à construção do troço da cerca em granito na área mencionada? Pensamos que não e que de facto houve uma cerca da vila construída em xisto no reinado de D. Dinis e posteriormente parcial e pontualmente desmantelada, sendo a U.E. [218], formada por elementos pétreos provenientes da sua destruição, prova disso. Este acontecimento ocorrerá provavelmente no reinado de D. Pedro I (1357 –1367) como poderá testar um documento de 1366. Este menciona obras de restauro efectuadas pelos habitantes de Urros e Peredo, obrigados a prestarem ajuda. Competir-lhes-ia que “sservissem e ajudassem a ffazer ho muro da dita vyla da toor e aa barbacaa e ajudassem aalimpar a carcova da dita vyla da torre” (doc. in ALVES 1981, IV: 277-278). Este muro iria “des ho cubo novo ataa cubo da porta do castelo” (doc. in ALVES, 1981, IV: 277-278), sendo o muro referido no documento interpretado como o troço da cerca em silhares de granito. A referência explicita da construção de uma barbacã consolidaria a ideia de que seria um “elemento [inovador] do castelo gótico [associado] ao curto reinado de D. Pedro I” (MONTEIRO, 2002: 661).

Rodeada por uma cerca em xisto com torreões semicirculares, fortalecida a Sul e parcialmente a Este por um novo troço em granito com torreões de planta rectangular, possivelmente com quatro portas, assim se apresentava Torre de Moncorvo em vésperas das Guerras Fernandinas.

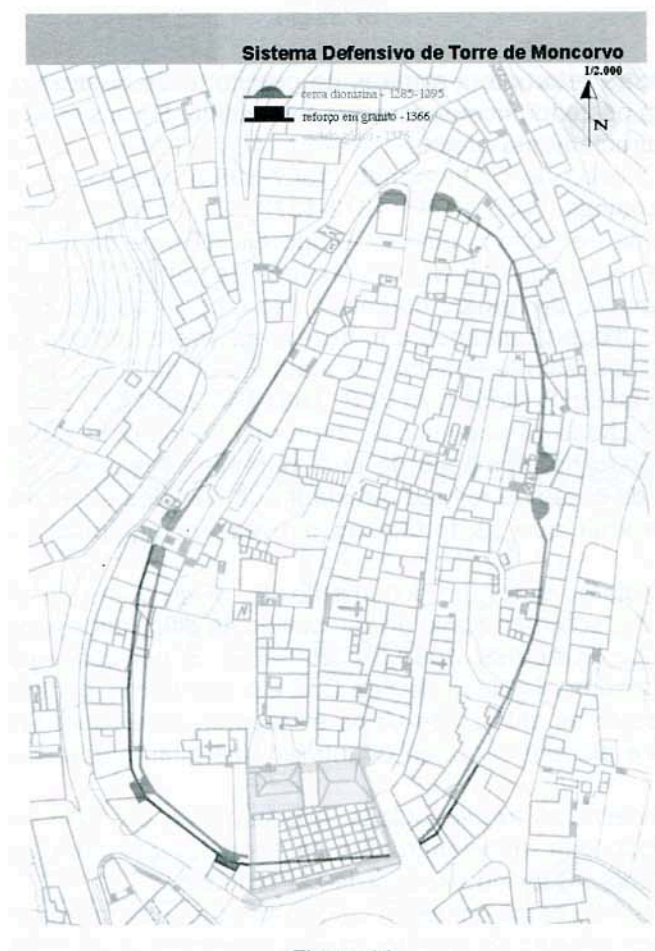


Figura 14

Durante o cerco de 1372, no decorrer das referidas guerras, Torre de Moncorvo é cercada sendo queimados “gram parte dos aravaldes e termhos que avyam (doc. In ALVES, 1981, IV: 285-288; ENCICLOPÉDIA, XXXII: 122).

Estas guerras resultantes da pretensão de D. Fernando em ascender ao trono de Castela (MONTEIRO, 2003: 251) e inseridas num contexto de guerra civil em Castela (MITRE, 1999: 268-270) terão contribuído para que a fisionomia da estrutura defensiva da vila de Torre de Moncorvo se modificasse drasticamente. É construído o castelo, de planta trapezoidal, com uma Torre de Menagem e uma torre de menor altura.

São as evidências arqueológicas que negam a obra como sendo de D.Dinis. Na sondagem 1 é possível verificar que o pano Este da muralha do castelo destruiu o troço da cerca dionisina (vide planta da sondagem 1).

No entanto, o mais relevante, é este pano da muralha do castelo estar adossado e sobrepor o reforço em silhares de granito da cerca da vila, integrando-a no seu recinto interior como estrutura anexa da área de habitação do alcaide-mor, com as respectivas torres (figs. 13 e 15).



Figura 15

O facto de se sobrepor ao reforço em silhares de granito, e de destruir o primitivo troço, leva-nos a identificá-lo como sendo obra posterior, nomeadamente fernandina. Só assim se compreende a sua situação perante as estruturas que directamente afecta.

A sua construção no reinado de D. Fernando (1367-1383) incluir-se-ia, como já mencionámos, no contexto das Guerras Fernandinas (1369-1371; 1372-1373; 1381-1382). Num documento de 6 de Março de 1376, D.Fernando manda de facto o ouvidor Diogo Gil a Torre de Moncorvo e este “mandou que fizessem en ella oyto cubos mays dos que tynham em logares certos (doc. in ALVES, 1981, IV: 280-282). Há nitidamente uma preocupação de reforço defensivo. No mesmo documento é mencionado novamente os “oyto cubos que lhe o dito diogo gil mandou que fizessem arredor da dita cerca para affortellegamento da dita vylla que per hy ssera mays forte e melhor esguardada do que he e que elles faram a dita ffortaleza de pedra e call ou de canto talhado” (doc. in ALVES, 1981, IV: 280-282). Esta referência a uma fortaleza a ser construída, com as indicadas características, interpretamo-la como sendo o castelo e não somente os oito cubos e vai ao encontro da afirmação de que “durante os reinados fernandino e joanino, houve lugar a grandes campanhas de obras de reforço e restauro de castelos e cercas urbanas [estando] sempre presente a intenção de garantir que as fortalezas estivessem equipadas com torres de menagem” (MONTEIRO, 2002: 662).

A obra será tão dispendiosa, que num documento de 15 de Julho de 1377, os homens bons e o concelho de Torre de Moncorvo solicitam apoio ao rei, devido às dificuldades financeiras “non avyam renda tamanha pera essa obra” (doc. in ALVES, 1981, IV: 283-284). É, por conseguinte, determinado que Vila Flôr e o seu termo, como também Vila Nova de Foz Côa e o seu termo, contribuam com as aduas para o término dos trabalhos, enquanto as aldeias de Urros e Maçores “que ssom termho da dita vylla da Torre de mencorvo que ssyrham e ajudem daqui en deante en nas ditas obras da dita vylla” (doc. in ALVES, 1981, IV: 283-284).

Deste modo, são as evidências arqueológicas, o documento de 1376 e o de 1377, bem como as características arquitectónicas, que mencionaremos de seguida, que obrigam a afirmar que o castelo, propriamente dito, foi mandado erguer no reinado de D.Fernando.

Localizado no extremo Sul da cerca da vila, o castelo possuía uma planta trapezoidal. Era tipicamente gótico, sendo construído com silhares de granito, muitos com marcas de canteiro. Do que subsiste das

suas muralhas constatamos que o aparelho é isódomo. O pano Oeste da muralha, apresenta duas troneiras cruzetadas. No pano Este existem igualmente duas outras troneiras cruzetadas situadas perto da porta da vila, contribuindo para a sua defesa ao permitir o acolhimento de armas de fogo. De facto, “ao longo da segunda metade do séc. XIV, e muito especialmente durante o século XV” a arquitectura militar desenvolve-se, adaptando-se à nova realidade das armas de fogo (MONTEIRO, 1999: 37).

Na planta do castelo de Torre de Moncorvo, datada do século XIX (1815?) é possível averiguar que a Torre de Menagem seria de planta quadrangular e a outra torre situada a Este, seria de planta rectangular. Ambas estavam integradas numa área destinada à habitação, processo delineado nos “fins do século XIV e [na] centúria seguinte” (BARROCA, 1990/91: 125) (fig. 16).

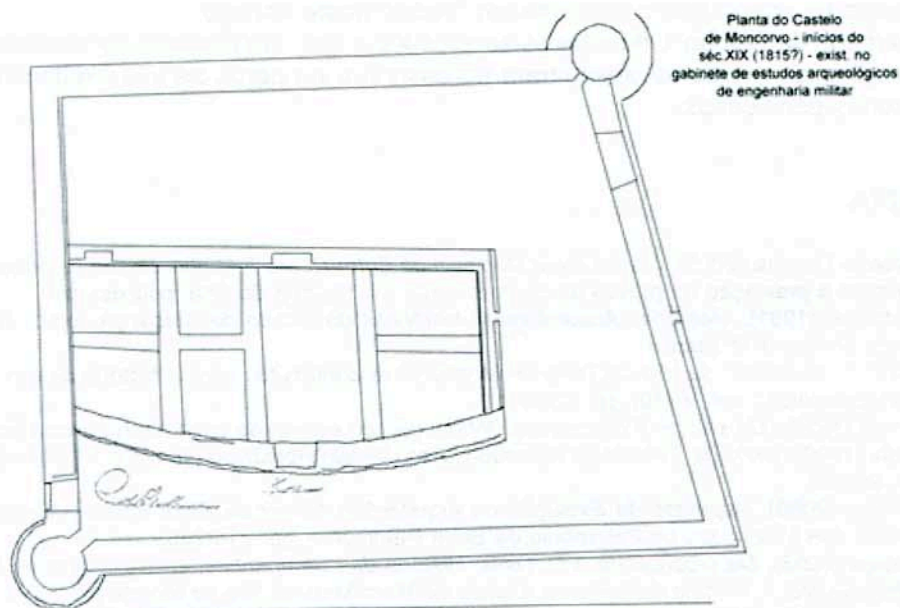


Figura 16

No desenho de Miguel José Castelinho das casas e torres situadas dentro do castelo, datado de 1815, verifica-se um conjunto de janelas que procuram “deste modo, alcançar melhor iluminação e arejamento dos espaços interiores” (BARROCA, 1990/91: 125) (fig. 17).

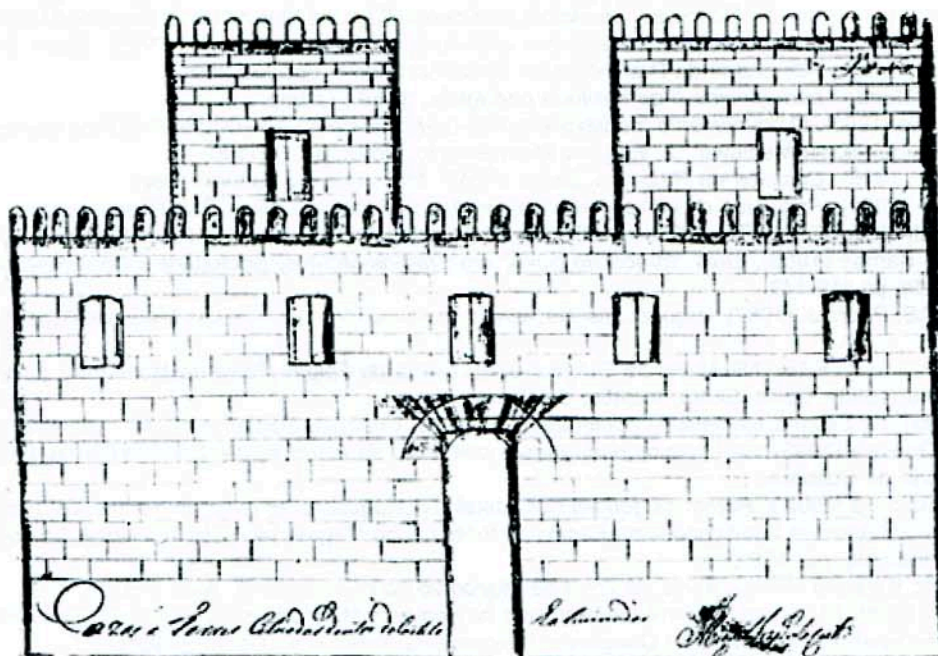


Figura 17

Os dois cubelos, elementos arquitectónicos militares de forma circular, colocados em duas extremidades do castelo, é uma “presença [que] o século XIV e a primeira metade do século XV se encarregarão de consagrar” (MONTEIRO, 1999: 35) (fig.16).

As características defensivas acima mencionadas, nomeadamente a existência de cubelos, de troineiras cruzetadas, a integração das torres numa área habitacional, pressupõem, juntamente com o documento de 6 de Março de 1376, o de 15 de Julho de 1377 e as interpretações arqueológicas, que o castelo (alcáçova) terá mesmo sido edificado nos fins do século XIV durante o reinado de D. Fernando, sendo da mesma época, a porta da vila situada a Sul, como ainda hoje constatamos.

As outras estruturas mais recentes e significativas - U.E.s [517, 545] - postas a descoberto na sondagem 5, são construídas respectivamente no século XIV e séculos XV/XVI, permitindo a criação de um compartimento fechado, integrando o denominado “nicho” neste espaço.

A partir do reinado de D. João I, durante os séculos XV e XVI, um conjunto de documentos comprovam que poucas alterações de monta se efectuaram no castelo e na cerca da vila, limitando-se as acções a reparações em zonas danificadas.

## 5. BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira (2000), *Castelologia Medieval de Entre-Douro-E-Minho. Desde as origens a 1220*, Trabalho complementar para a prestação de provas de doutoramento em História de Arte, policopiado.
- ALVES, Francisco Manuel (1981), *Memórias Arqueológicas-históricas do distrito de Bragança*, tomos II a XI, Reedição do Museu do Abade do Baçal, Bragança.
- ABREU, Carlos d' (2000), *O castelo da Vila de Torre de Moncorvo (e contributos para a história da sua destruição)*, “Douro — Estudos e Documentos”, vol. V (10), pp. 73-98.
- AZEVREDO, Carlos de (1988), *Os solares Portugueses. Introdução ao estudo da casa nobre*, Livros Horizonte, Lisboa.
- BAROCA, Mário Jorge (1990/1991), *Do Castelo da reconquista ao Castelo Românico (séc. IX a XII)*, “Portugália”, Nova Série, vol. XI-XII, pp. 89-136.
- BARROCA, Mário Jorge (2000), *Aspectos da Evolução da Arquitectura Militar da Beira Interior*, “Beira Interior. História e Património”, Actas das I Jornadas de Património da Beira Património, pp. 215-238.
- BARROCA, Mário Jorge (2003), *Da reconquista a D. Dinis, História das Campanhas*, in “Nova História Militar de Portugal”, coord. José Mattoso, vol. I, Círculo de Leitores, Casais de Mem Martins, Rio de Moura, p.p. 22 a 68.
- BARROCA, Mário Jorge (2003), *Da reconquista a D. Dinis. Arquitectura Militar*, in “Nova História Militar de Portugal”, coord. José Mattoso, vol. I, Círculo de Leitores, Casais de Mem Martins, Rio de Moura, p.p. 95 a 121.
- CARQUEJA, Maria da Assunção (1955), Subsídios para uma monografia da vila da Torre de Moncorvo, dissertação para a Licenciatura em Ciências Históricas e Filosóficas, FLUC, Coimbra, policopiado
- CHÉNEY, António; CARVALHO, Pedro Sobral de, Relatório Final. *Sondagens e Escavações arqueológicas na zona do Castelo de Torre de Moncorvo*, Arqueohoje, Conservação e Restauro do Património Monumental, Lda, 2001 (policopiado).
- CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da (2000), *Castelo Mendo: a partir de um espaço urbano medieval*, “Beira Interior. História e Património”, Actas das I Jornadas de Património da Beira Património, pp. 301-314.
- DORDIO, Paulo (1998), *Centros de povoamento: um percurso pelas vias medievais*, “Terras do Côa. Da Malcata ao Reboredo — os valores do Côa —”, Estrela do Côa, Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda, pp.15-22.
- FERNANDES, Ilda (2001), *Torre de Moncorvo. Município tradicional*, Câmara Municipal de Torre de Moncorvo.
- FERNANDES, Lídia (2000), *Novos elementos sobre o castelo da Guarda (sécs. XIII-XVIII)*, “Beira Interior. História e Património”, Actas das I Jornadas de Património da Beira Património, pp. 239-252.
- GOMES, A. (2001), *Moedas portuguesas e do território português*, 3ª ed., Lisboa.
- GOMES, Paulo Dordio (1993), *O povoamento medieval em Trás-os-Montes e no Alto-Douro. Primeiras impressões e hipóteses de trabalho*, “Arqueologia Medieval”, 2, Edições Afrontamento, Porto, pp.171-190.
- GOMES, Rita Costa (1996), *Castelos da Raia — I. Beira*, IPPAR, Ministério da Cultura, 156p.
- HARRIS, Edward C. (1991), *Principios de estratigrafia arqueológica*, Editorial Crítica, Barcelona.
- ITINERÁRIO DA FAIANÇA DE PORTO E GAIA (2001), Museu Nacional de Soares dos Reis, 1ª Edição, Lisboa.
- JÚNIOR, J. R. dos Santos (1966), *Dois “fornos do povo” em Trás-os-Montes*, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Porto, pp.119-149.
- LAVADO PARADINAS, Pedro J. (1987), *Arqueología medieval y restauración*, “Arqueologia Medieval Española”, II Congresso, pp. 290-310.
- MACEDO, Manuel Marinho; FREITAS, Maria da Graça (1988), *Olaria do Felgar (Torre de Moncorvo)*, Catálogo, Barcelos.
- MAGRO, F. da Costa (1986), *Ceitis*, Sintra, Instituto de Sintra.
- MITRE, Emilio (1999), *La Espana Medieval — Sociedades. Estados. Culturas*, Ediciones Istmo, S.A., Madrid
- MONTEIRO, João Gouveia (1999), *Os castelos portugueses dos finais da Idade Média*, Edições Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- MONTEIRO, João Gouveia (2002), *Reformas góticas nos castelos portugueses ao longo do século XIV e na primeira metade do século XV*, “Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)”, Lisboa, Edições Colibri/Câmara Municipal de Palmela, pp. 659-666.
- MORENO, Humberto Baquero (1982), *A vila de Torre de Moncorvo no reinado de D. João I*, Porto.
- REBANDA, Nelson (1986), *O castelo de Torre de Moncorvo na geo-estratégia do Douro Superior. Sua origem, existência e morte*, Comunicação apresentada ao I Congresso Internacional sobre o rio Douro, policopiado.
- REBANDA, Nelson (1988), *Sondagens arqueológicas no castelo de Moncorvo*, relatório apresentado ao IPPC, policopiado.
- REBANDA, Nelson (s.d.a), *Fortificações medievais de torre de Moncorvo (Trás-os-Montes) — Estudo Diacrónico*, policopiado.

- REBANDA, Nelson (s.d.), *Estruturas defensivas do período medieval no Sul do distrito de Bragança — Norte da Guarda. O caso de Vila Velha/Santa Cruz da Vilarça, concelho de Torre de Moncorvo*, policopiado.
- RODRIGUES, Miguel; REBANDA, Nelson (1992), *Cerâmicas medievais do Baldoeiro (Adeganha — Torre de Moncorvo)*, Actas das 1ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval., Tondela de 28 a 31 de Outubro de 1992, Câmara Municipal de Tondela, pp. 51- 66.
- RODRIGUES, Miguel Areosa (1998), *A olaria*, “Terras do Côa. Da Malcata ao Reboredo — os valores do Côa —”, Estrela do Côa, Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda, pp.135-140.
- RODRIGUES, Miguel Areosa; REBANDA, Nelson (1998), *Cerâmicas medievais do povoado desertificado de Stª Cruz da Vilarça*, Actas das 2ª Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval. Métodos e resultados para o seu estudo, Tondela de 22 a 25 de Março de 1995, Câmara Municipal de Tondela, pp. 101- 126.
- SOUSA, Fernando de (1982), *O Arquivo Municipal de Moncorvo*, Porto.